

#1. PROCURA POR MIM NESTE DIÁRIO O RESTO NÃO VALE NADA

Estou com frio. Estou com fome. Estou exausta. Estou com tusa. Estou em Tunes onde gostaria de estar. Estou em Beirute onde nunca estive e estou no Cairo. É mentira. Estou no comboio. Não sei se gostava de regressar à Índia. Estou em todos os lugares onde precisam de mim, assim, visceral violenta agressiva entusada fluida. É mentira. Já não há ninguém com quem andar à porrada.

Sete da manhã. Paragem de autocarro ao lado do jardim zoológico. Momento de revelação número um. Os barulhos dos animais presos. Os barulhos dos animais entusados. A esperança. O lado de lá. A abolição das fronteiras. O esbatimento da linha do horizonte. A luz. Assim de repente. Foda-se. Tunes Beirute e o Cairo aqui de repente mesmo ao lado. Com caralho e há quem diga que já não se pode pedir.

Pergunta ao leão porque é que o autocarro vai sempre vazio. Pergunta-lhe e vais ver.

Limbo. Mortos-vivos. Nem-nem. Nem aqui nem ali nem em lado nenhum. O caralho. É mas é o caralho. Faço-te a biografia num zap. O enjoo de certas modas. Os modos. Quem sou eu. De onde venho e mais umas tretas de registos inventados. Grafias da ilusão para entreter o jovem o que cai no gotto, o conas.

Pergunta-lhe. Vá lá.

Dez e onze da manhã. Anjos. Estação de metro. Linha verde.

Momento de revelação número dois. Pisar merda com o pé direito. Entrar na estação. Deixar de poder ouvir a rádio. Única música no telemóvel. Pink Floyd. *We Don't Need No Education*. Repeat.

Ontem senti urgência em construir uma casa. Uma casa que fosse uma mistura de todas as casas onde vivi. A casa-quarto. A casa-colchão. A casa-tenda. A casa-mochila. A casa no bairro onde as ruas tinham nomes de rios e a casa-praia. A casa-praia foi uma das minhas primeiras casas e ficava na Costa de Lavos. No tempo em que as mulheres se vestiam de preto e iam para a praia chorar e gritar para o mar. No tempo dos longos dias cinzentos. Espero.

No tempo em que eu vivia na casa do bairro onde as ruas tinham nomes de rios. Nesse tempo. A rua onde morava parecia gigante e estava dividida ao meio por uma estrada de alcatrão. E essa estrada, para mim, era uma espécie de fronteira. Havia o outro lado. O longe. O lado de lá. O quase perigo. Onde eu só me aventurava para ir a casa da tia Maria José. Depois havia lado de cá. A casa-rua. A casa-mãe. Esta rua era o meu mundo. Era a minha rua. Era onde ficava a casa da Dona Palmira que mais tarde veio a ser minha madrinha. A casa da Dona Teresa. Da Sandrinha. Da Dona Helena. Da Dona Rosa. Da Dona Alzira e de todas as outras Donas que estavam sempre em casa à espera que maridos, funcionários da câmara, chegassem do trabalho. Estamos num bairro social nos anos sessenta. A minha mãe não era funcionária da câmara, mas herdou a casa dos meus avós. A minha casa tinha o número onze. O mesmo número da casa onde vivo agora.

Este é o tempo das primeiras memórias. Do cheiro da casa da tia. Um cheiro a mofo. Um cheiro a frio. Um cheiro a mijo seco. Um cheiro a velha. O tempo dos jarros nos canteiros do quintal da frente e das galinhas à solta no quintal de trás. O tempo de querer ensinar à força a minha tia Maria José a escrever. Os

risos da tia sempre que eu insistia com ela para que fizesse os exercícios. E ela que os fazia. Ela que tentava escrever o seu nome nos meus cadernos de folhas de duas linhas. O tempo de ver as galinhas mortas no frigorífico da tia e de almoçar em casa da Dona Palmira. O tempo de perguntar, “Já posso ir para a rua” e de ouvir, “Oh! Saaaaandriiiiiiiiiinha!”. O tempo de lanchar carcaças com manteiga e açúcar. O tempo de ficar à espera que a minha mãe chegasse do trabalho. O prazer de ouvir a chave na porta. O prazer de ficar a ver a mãe a fazer o jantar. Depois um dia a minha mãe foi para a Índia e eu e o meu irmão Tiago fomos para casa da minha avó Cristina em Benfica. E aí as coisas mudaram. *(pausa)* Estamos tão longe da Índia, já repararam nisso?

Nesse tempo a minha avó tinha um cágado lá em casa. Nesse tempo o meu avô ainda era vivo. Nesse tempo eu chorava à noite sozinha na cama enquanto os meus avós dormiam no quarto do lado. Então o meu avô gritava com aquela voz granítica que ele tinha, “Quem é que está a chorar?” e eu, ainda sem a minha ironia e o meu cinismo, eu lembro-me de reflectir enquanto chorava, “Mas quem é que haveria de estar a chorar, quem é que haveria de estar a chorar avô?”. Nesse tempo eu fazia ginástica com ele de manhã cedo no corredor da casa. Nesse tempo eu rodava a cabeça as ancas e aprendia a respirar. O meu avô usava umas ceroulas brancas e uma camisa interior branca. Isto foi no tempo em que eu espreitava pelo buraco da fechadura e o via em cima da secretária a fazer exercícios de ioga, mas eu ainda não sabia o que era o ioga. Descobri anos mais tarde que ele se tornou comunista tardiamente e que teve de ser dar como maluco para poder receber a reforma. Ele à tarde fazia iogurte numa máquina cor-de-laranja que depois herdei. Herdei? Ninguém mais a queria. E este foi também o tempo em que eu fazia a sesta ao som da sua máquina de escrever, um som muito mais agradável do

que o som da máquina de costura da minha avó. *(pausa)* Nesse tempo havia a Fraul. A Fraul era um centro de apoio aos retornados fundada pelo meu avô e por isso os sacos de roupa em segunda mão paravam temporariamente lá em casa. Foi nessa altura que eu comecei a usar saias, que eram uma espécie de kilts com padrões escoceses. Nesse tempo o meu avô passava os dias a escrever sem parar, há muito que deixara o negócio de importação-exportação de camarões e as suas lagoas em África. Há muito que deixara de desenhar mapas e de trabalhar como topógrafo. Um comunista fabricante de mapas dedicado ao negócio do camarão. Em minha casa hoje bebe-se uísque com Coca-Cola e gelo como o meu avô costumava beber quando regressava do mato ao final da tarde. Há várias maneiras de se matar a pequena ansiedade do fim do dia. Em minha casa bebe-se uísque com Coca-Cola e gelo. *(pausa)* Depois um dia o cágado desapareceu e ninguém mais soube dele. Desapareceu daquele apartamento em Benfica. Para onde se teria escapado?

Quando a minha mãe regressou da sua lua-de-mel indiana vinha ainda mais bonita e alegre. Vinha cheia de narrativa. Também chegou carregada de objectos: caixas, tambores, panos, cigarros-folhas-enroladas, pulseiras, latões, até chouriços de sangue indianos, ela trouxe.

Nunca mais apagar. Nunca mais apagar. Continuar o que se deixou. Recomeçar mesmo depois da falha. Não desistir.

De Lisboa a Bombaim são 8023 quilómetros de distância. Será que se pode caminhar assim tanto?

Mas a Índia não veio só com a tralha que a mãe trouxe da lua-de-mel. A Índia trouxe-a a avó sempre que uma vez por mês embarcávamos numa viagem interminável de autocarro para ir até aos Olivais para entrar num prédio, descer a uma cave e comprar especiarias que eram vendidas ao quilo em sacos de

plástico transparentes. A Índia veio com as viagens diárias ao mercado de Benfica para comprar beringela, malaguetas para os *chutneys* e para me ensinar a escolher os vegetais pelo cheiro. A Índia veio com o chá pingado com leite ao lanche. Com o picante. Mentira. A Índia não veio com ninguém. Ninguém a trouxe. Nem a avó. Nem a mãe. A Índia já cá estava como o Ganges na Rua dos Douradores. Estava nas tarefas diárias como limpar a pele das cebolas. Estava em dobrar os sacos de plástico de uma só cor. Estava em vestir e calçar branco aos domingos. Estava no banho com alguidar e caneca. Estava no fumo do incenso na casa de banho sempre que ficava a cheirar mal e estava nas madrugadas em que ficava em silêncio a ver a avó. A avó em combinação a cuidar-se ao espelho com o cabelo muito comprido e negro. Primeiro o creme nos braços e cotovelos, o tilintar das pulseiras de prata e de ouro. Depois o creme na cara e finalmente o pó de arroz. Para mim a Índia era esse aí.

Naquele dia a avioneta levou-nos de Calcutá. Levou-nos finalmente dali para fora. Estava feliz. Vais querer sempre deixar a Índia aonde irás sempre querer regressar. Mas como é que se regressa a um lugar? Ele diz: “Há quem regresse de forma compulsiva a lugares antes visitados. (...) Ir cinquenta vezes ao Vietname, cem vezes ao Japão.” Ela diz: “Se nos descuidarmos, é a memória que nos fabrica em vez do oposto...”

Desesperadamente buscando a Índia.

Em Deli estou sem visto.

Em Madras sou uma espia ariana.

Caxemira não é um lugar para férias e dizem-me que é uma nação.

O Punjab quer morrer.

Em Bombaim sou uma invasora.

Em Assam uma comerciante exploradora.

Atirar-me-iam das montanhas pontapear-me-iam das planícies.

Prometo nunca mais mencionar Índia novamente.

A história da Índia foi durante muitos anos estudada e interpretada por um dos maiores orientistas de sempre, o senhor Max Müller, o curioso é que o Senhor Max Müller nunca visitou o país, ele nunca foi à Índia.

Quando conheci Eunice de Souza ela contou-me esta história: que um dia estava a ler na biblioteca da Universidade de Bombaim e uma pessoa que estava sentada ao lado dela perguntou-lhe como é que ela se chamava. Ela respondeu que se chamava, Eunice de Souza e essa pessoa ficou muito surpreendida e comentou: “Ah! Pensava que fosse indiana”.

Essa história lembra-me sempre a primeira vez que me mascarrei. A primeira vez que tive um fato de carnaval completo. Lembro-me de chegar à escola e de ninguém saber a que é que eu estava mascarada. Acho que nunca tinham visto uma indiana.

Quando conheci Eunice de Souza ela não tinha um papagaio ao ombro, mas era como se o tivesse. Sempre que ela falava no final havia uma espécie de pausa que não era bem uma pausa. Era como se ela escutasse alguém. Depois descobri que esse alguém era a Xana, a sua papagaia.

A minha avó ria-se sempre muito com os papagaios e com as araras. Acho que foi por causa disso que passámos a ter pássaros em casa. Primeiro bicos de laque depois periquitos. Era a maneira mais barata de conservar um certo exotismo.

Quando conheci Eunice ela autografou-me o seu livro de poemas e disse-me assim: “procura por mim nos meus poemas o resto não vale nada”. A tradutora portuguesa que estava conosco sorriu. Isso foi estranho. Não o sorrir. Mas definitiva-

mente a presença da tradutora. Como se alguém pudesse existir simultaneamente em dois corpos. Mas o mais estranho de tudo foi a tradutora também se chamar Alexandra. Como a papagaia. Isso foi muito estranho. Nesse dia Eunice fumou como Marlene Dietrich.

MICROBIOGRAFIA DE EUNICE DE SOUZA.

(aponta flash para ela e dispara) Eu nasci em Goa, terra que deixei. Eu escrevo poesia em Inglês com gosto. Eu tenho uma papagaia chamada Xana e eu fumo como Marlene Dietrich. Um dos meus poemas diz: Há sempre formas de pertença. Uma cidade arde e há um continente a mover-se sobre os meus pés. Chegou a altura de encontrar um lugar. Estamos aqui para ver o pôr-do-sol. (aponta flash para público e dispara) Tu nasceste em Goa terra que deixaste. Tu escreves poesia em inglês com gosto. Tu tens uma papagaia chamada Xana e tu fumas como Marlene Dietrich. Um dos teus poemas diz assim: Há sempre formas de pertença. Uma cidade arde e há um continente a mover-se sobre os meus pés. Chegou a altura de encontrar um lugar. Estamos aqui para ver o pôr-do-sol. (aponta flash para parede e dispara) Ela nasceu em Goa terra que deixou. Ela escreve poesia em inglês com gosto. Ela tem uma papagaia chamada Xana e ela fuma como Marlene Dietrich. Um dos poemas dela diz assim: Há sempre formas de pertença. Uma cidade arde e há um continente a mover-se sobre os meus pés. Chegou a altura de encontrar um lugar. Estamos aqui para ver o pôr-do-sol.

Disseram-me assim no outro dia. O teu tio tinha a mania que era fotógrafo. Ele era um daqueles fotógrafos antigos que andava pelas casas a tirar fotografias e depois as pessoas pagavam no final da sessão. Foi com ele que saíste do país pela primeira vez. Acho que foram a Espanha. Quando regressaste vinhas toda contente porque já podias dizer que

tinhas saído do país. Que tinhas ido ao estrangeiro. Esta história lembra-me sempre a minha primeira mentira consciente. Foi no tempo em que eu tinha mais ou menos oito anos e disse à minha professora primária que já tinha ido à Disneyworld, aos Estados Unidos da América. E a minha professora primária que era uma daquelas professoras primárias antigas, com o cabelo loiro todo armado, unhas pintadas de vermelho, saltos altos, não muito altos, porém altos e usava uma bata branca, como se não se quisesse sujar. Ela olhou para mim, muito cínica a rir-se e disse: "Ai a Maria João Gil já foi aos Estados Unidos da América? Ai a Maria João Gil já foi à Disneyworld!". Fiquei lá no intervalo, levei as reguadas da praxe e o pior de tudo, foi ter sido obrigada a comer a marmelada em forma de tijolo que vomitei no regresso a casa.

A minha avó dizia-me sempre que eu deveria ser filósofa porque quando era pequena ficava muito tempo a falar de uma só coisa. Era capaz de estar, um dia inteiro a falar de cebolas. Depois ela dizia-me: "Oh João, cala-te um bocadinho!". Um dia disse-me que eu poderia tornar-me numa boa jornalista, uma jornalista de reportagens de investigação. Mas nessa fase eu queria era ser dactilógrafa, por causa da máquina de escrever do meu avô. Depois quis ser hospedeira para poder viajar de graça e um dia o meu tio que estava lá almoçar em casa e disse: "As hospedeiras são empregadas domésticas do ar."; e foi então que eu arrisquei e disse que talvez seguisse teatro, então ele pediu uma folha branca e um lápis ao meu pai e desenhou um círculo na folha branca e disse: "Estás a ver este círculo? Este círculo é a sociedade." Depois fez um pontinho dentro do círculo e disse: "Estás a ver este pontinho, este pontinho é a importância e o lugar do teatro para a sociedade." E eu não sabia muito bem o que dizer, a sentir-me cada vez mais pequenina só consegui dizer-lhe: "Tio! *(faz manguito com o dedo)* Talvez a sociedade não seja um círculo, talvez a sociedade

seja um quadrado”. E foi a única coisa que eu con-segui dizer-lhe na altura.

Onde é que eu estou? Estou na estação de expressos de Sete Rios. A aurora e o real. A *down society* na rádio e uma voz sem corpo que lê mensagens de esperança às sete da manhã. As Eurolines em Sete Rios apinhadas de Africanos e Brasileiros. O casal Ucrâniano. A dignidade cravada no rosto de algumas pessoas. É normalmente a esta hora que não tenho medo. Que sou capaz de ir e de não olhar para trás. Percebem isto? Expli-co. Sou dominada pelo medo o dia inteiro. Acordo quando ele já se levantou há muito tempo. É como se eu vivesse atada. Mas há momentos. Em que o real é simplesmente o real. Grau zero. Não me expliques tudo, sff. Não me ilustres tudo. Não tenhas medo de não conseguires ver a luz. Ainda. Para que é que precisas de um mapa? Se quando chegares à Índia vais ter de trocar dinheiro por notas rupias falsas na mesma. Isso vem no guia de viagem e de que é que te serve? Quer escavando, quer voando lá chegaremos. À Índia.

E de repente alguém diz no meio da estação de expressos de Sete Rios que estamos a viver uma crise de valores, que o passado desapareceu, que estamos sem tecto. Alguém diz que as pessoas já não se importam e que a crise é sobretudo isso, a indiferença. E eu realmente não consigo deixar de pensar na mulher que já estava morta há nove anos quando o seu corpo foi encontrado na Rinchoa. Não consigo deixar de pensar naquele casal de velhotes que se matou porque não queria ir para um lar. E depois deixo de pensar nisso tudo e só consigo pensar na Praça Tahir onde deveríamos todos estar. Todos, os velhos também. É mentira essa crise de valores, nós nunca nos importámos tanto, nunca quisemos tanto saber. E olho para uma banca de jornais e vejo uma fotografia do Tony Blair no Egipto a mandar postas de pescada depois da Guerra do Ira-

que. E fico fodida porque penso que esta pessoa está a gozar connosco, com os velhotes, comigo e com o mundo Árabe. E fico ainda mais viva e só me apetece gritar no meio da estação de expressos de Sete Rios "Proud Of Egypt People", "Proud Of Egypt People" e depois lembro-me daquele professor egípcio a chorar e ao mesmo tempo a rir, a dizer que esperou tanto, que tinha esperado a vida toda, pela liberdade. E grito que é mentira que nós nunca nos importámos tanto. Olhem para o Egipto.

Um dia Walid Rad veio ao meu atelier. Há muito que tinha deixado o Líbano e a guerra por Nova Iorque. Sentou-se, ouviu-me falar sobre o meu trabalho e depois disse-me que acreditava em vampiros e foi-se embora.

E tu perguntas-me porque é que há tantos animais neste diário. E eu respondo-lhe que há muitos animais neste diário porque nós somos xamãs que sabem ver o valor das coisas. Há muitos animais neste diário porque eu vivo ao lado do jardim zoológico e às vezes vou ao *fast food* que dá para o lago dos crocodilos. Há muitos animais neste diário porque tenho uma cadela que se chama Xana e que no outro dia no monte comeu nove pastilhas de veneno para ratos e não morreu. Os Muezzin no Cairo faziam o chamamento por debaixo da terra. Agora já não há chamamento nenhum, agora os Muezzin riem riem riem. E eu não quero saber da tua infância e das tuas memórias e da tua paranóia com o teu país. Eu sei lá o que é um país. Eu não sei, eu não quero saber, como não quero saber se as mulheres escrevem com um clítoris de tinta azul ou preta. Eu preciso que me abracem, preciso de ir ver o mar de dançar e de ir a Marrocos para comer comida boa. Depois disso, sim. Depois disso estarei disposta a ouvir-te sobre tudo, menos sobre países. É preciso usar o corpo para foder e viver, o resto são trocos.